

BANESTES - A Casa de todos nós

Nada nos custa lembrar - Lembrar e voltar ao passado, estoriar acontecimentos, para aqueles que chegaram depois encontrando um caminho amplo, limpo, onde os que semearam o fizeram muito bem.

Eu conheço desde o seu nascimento. Seu lar: pequenas instalações ali na Rua do Comércio... Criança ainda, depois com mais idade; já crescidinho e desfrutando da confiança dos comerciantes, Industriais e agricultores da época; se fez servido e atendendo bem aos que o procuravam. A Jornada foi árdua, porém valeram os anos que se foram, pois não se perderam. Quando se tornou adulto, tomou corpo e foi cada vez se agigantando. Eis aí o império que temos; graças à dedi-

cação, ao afincos dos diretores e funcionários, onde cada qual procurou se entender dentro de sua capacidade, buscando colher no futuro os frutos dos dias vividos. Muitas dessas pessoas hoje se encontram aposentadas, após terem contribuído profissionalmente para o engrandecimento do ESTADO DO ESPÍRITO SANTO.

A terra foi bem arada, e o trigo cuidadosamente plantado. Hoje todos nós continuamos, abençoando e santificando o pão do dia a dia.

Crescemos juntos, vencemos e hoje nos sentimos felizes! É uma bela história. Durante vinte anos, fiz parte do seu Conselho Fiscal, sempre aprendendo para lhe servir melhor... Presentemente, como membro do seu Conselho de Administração, são 32 anos de casa, continuo fazendo parte

de sua história, que se torna suntuosa, dando-nos a certeza de que os que o plantaram no passado, se tornaram no nosso presente o motivo maior do nosso orgulho: O ideal se transferiu para as mãos de jovens construtores e continuadores que vêm administrando, e nos fazendo retratar o passado, a fim de que possamos olhá-lo e admirá-lo em sinal de respeito aos que se foram.

Agradecer profundamente o idealismo que se tornou marcante!

Foram longas distâncias percorridas, mas os homens acreditaram! Sublime história de uma semente que não foi em vão...

BANESTES.

José Hygino de Oliveira
(Taneco)

Escritos de Vitória

Paulo Hartung

A cidade viveu momentos memoráveis no lançamento da 16ª edição dos "Escritos de Vitória", com o tema "Movimentos Sociais". Na última quarta-feira, dia 18, centenas de pessoas foram ao Centro de Vivência da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), formando um público heterogêneo, composto por jovens das batalhas de outrora - e por jovens de hoje. Foi emocionante ver a cidade se encontrar para conversar sobre a sua história. Foi gratificante constatar que um projeto editorial de nossa administração pudesse propiciar tal encontro.



Essa edição dos "Escritos" teve um significado especial para mim. Como escrevi na apresentação do livro, a minha geração decidiu entrar na luta pela volta da liberdade no país. Seja nos movimentos sociais, seja na atuação político-partidária, a militância por mudanças em nossa sociedade é uma constante em minha vida.

A política partidária, caminho que eu e alguns companheiros seguimos, não nos afastou dos movimentos sociais, opção feita por

outros colegas. Muito pelo contrário, a boa notícia tem nos movimentos sociais um importante parceiro de caminhada.

Na Prefeitura de Vitória, a administração participativa, que é um princípio político de construção da cidadania e de fortalecimento da democracia, transforma-se em ação de Governo para construirmos uma Vitória realmente identificada com os anseios da cidade. Para isso, contamos, entre outros instrumentos, com o Orçamento Popular; com 13 conselhos setoriais, como o do PDU, do meio ambiente, da saúde e de escolas; e com a eleição direta para diretores escolares.

Mais que simplesmente registrar, escrever é descobrir. O projeto "Escritos de Vitória", lançado

"O projeto Escritos de Vitória objetiva revelar as emoções, histórias e belezas de nossa cidade".

na comemoração do aniversário de Vitória, em setembro de 1993, na primeira Festa da Cidade promovida por nossa administração, objetiva revelar as emoções, as histórias e as belezas da nossa cidade, do nosso povo.

Crônicas sobre Vitória inauguram a série. A partir daí, não necessariamente nessa ordem, fomos às escolas e igrejas da cidade, sentamos nas mesas dos bares e botecoquins, suspiramos com as histórias dos cinemas, vibramos com os esportes, navegamos com o porto, curtimos praças, logradouros e paisagens da ilha, sentimos os chei-

ros e o vigor dos mercados e feiras, viajamos ao futuro de Vitória e conhecemos mais de perto nossas personalidades.

Os "Escritos de Vitória" tornaram-se um patrimônio da cidade. Em nossa administração, chegaremos à 18ª edição, como o livro sobre "Imprensa e Vitória - Cidade Presépio". Um marco da produção literária da nossa história.

Aliás, em quatro anos de administração teremos feito 30 edições de livros, entre publicações de projetos como "Escritos de Vitória" e "Memória Viva", relançamentos de livros históricos, como o "Biografia de Uma Ilha", de Luiz Serafim Derenzi, e "Vitória Física", de Adelpho Poli Monjardim, e lançamento de livros sobre a história mais recente da cidade, como o "Novo Arrabalde", de Carlos Teixeira de Campos Júnior.

O lançamento dos "Escritos" sobre os movimentos sociais fez transcender das páginas do livro a dimensão do encontro de idéias e personalidades que se faz a cada edição da série. Esse evento deu, definitivamente, visibilidade ao movimento e ao vigor que as páginas dos "Escritos de Vitória" encerram. O lançamento da 16ª edição mostrou de forma muito especial o que são os "Escritos de Vitória": um espaço de cultivo do amor pela cidade.

Newton Freitas (1909 - 1996)

Renato Pacheco

Ó quantas vezes tenho lamentado a falta de boas biografias de capixabas que se distinguiram, não só da vida política e econômica, como nas letras e nas artes. Nada parecido com um Sacramento Black, para o Rio de Janeiro. Que fazer? Somos pobres e desleixados com nossa memória. Houve esforços de Amâncio Pereira, do Almanaque da Casa Verde, do historiador Elmo Elton, mas repito, muito ainda há que fazer.

Quem sabe quem foi o grande Newton Freitas? Pouca gente.

Para começo de conversa, ele era o famoso Zico de dezenas de crônicas de Rubem Braga. Era a Newton, no exterior, que o "sabiá da crônica" dirigia suas notícias de nossa boa terra.

Quando o entrevistei, em 1955, para **O Diário**, Newton Freitas esbanjou sua notória habilidade como "causeur". Contou-me passagens da sua vida como esquerdista na era de Vargas, e depois como servidor contratado do Itamaraty. Iniciou, no Serviço de Impren-

sa um banco de dados. Fez a pasta de um único brasileiro, mas tão bem a fez que, continuada por seus colegas, muitos anos depois os embaixadores sempre falavam "no fichário" que Newton fez..."

Exilado no Cone Sul, pela ditadura de Vargas, muito lutou pela divulgação de nossa literatura. Em espanhol publicou "Alôs afro-brasileños", "Ensayos americanos", "Garibaldi na América", "Literatura do Brasil" em colaboração com sua esposa, a grande escritora Lúcia Besouchet, "Jaburuna" (livro que mereceu ser traduzido), Don Casmurro de Machado de Assis (versão para o espanhol). Foi também tradutor para Civilização Brasileira e Nova Fronteira.

Ingressando no serviço civil do Ministério das Relações Exteriores, foi adido cultural na Bélgica e na Inglaterra. No Governo Jânio Quadros foi diretor da Agência Nacional. A seguir, foi adido cultural no México e Argélia e adido de imprensa na França e Espanha.

Em sua passagem última por Vitória, Newton Freitas nos contou que sofrera

operação nos pulmões, em Madri. Quando o médico o médico lhe mostrou pedaço do órgão enegrecido por muitos anos de fumo, Newton tirou um pacote de cigarros que estava escondido, no leito, e deu-o de presente ao operador. Se voltou a fumar, não sei.

Telefona-me o Antônio Carlos Vianna Braga, da Livraria Dom Quixote, e dá-me notícia do falecimento do Newton Freitas, no último dia 11 de agosto, no Rio de Janeiro. Fornece-me também interessantes notas autobiográficas dele que serão publicadas na Revista de nosso Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo.

Em nome de nosso comum amigo Rubem Braga, com afetuosa despedida, deixo meu Adeus, Zico.

E, fica o registro, para que, quando for feito o Dicionário Biográfico dos Capixabas, não falte a informação sobre o grande vitoriense que foi Newton Freitas!

Transcrito de "A Gazeta" - 17/09/96

Berredo de Menezes

Carlos Nejar

Todos conhecem Ferdinand Berredo de Menezes Como político: foi um dos mais operosos prefeitos de Vitória e atualmente é vereador. Outros, em menor número, recordam o grande causfídico, quicã o maior advogado de júri destas plagas, com famosos casos de absolvição. Outros conheceram o mestre do Direito, quando lecionava na Ufes. Outros mais íntimos, sabem quanto ele é perito e amável na arte difícil da amizade ou na culinária, onde apesar de maranhense, com rara eficiência, especializou-se na moqueca capixaba. Poucos, porém, conhecem o admirável poeta. Muito menos, seus começos literários na geração de Ferreira Gullar, ou de suas andanças parisienses, sendo aluno de François Malraux, na Sorbone.

É sobre o poeta que escrevo. Sim, na apresentação de **Clarividência do nunca** (ed. Sul-americana, 1992), dizia e repito: "Há naturezas que têm a vocação do caos, como Neruda. Ou se alimentam dos ruídos e fulgens das cidades como Charles Baudelaire. Ou se entretecem de um silbilante profetismo como Blake, entre anjos e ti-

gres, que fogem da escala dos animais para a dos entes e mitos. Mas há vocações que se nutrem, deleitosamente, da luz, como Berredo de Menezes que se impõe como importante e nova voz da poesia contemporânea".

Na sua Antologia (*A surdez dos clarões*, ed. Nejarim, Paiol da Aurora, 1993), Berredo confirmou essa indubitável vocação. Como acréscimo que acompanha os vigorosos talentos: o silêncio em torno dele. Por ser tácito e velado, é consagrador.

Recentemente, publicou um livro denominado **Vozes do meu silêncio**, que infelizmente, parece ter passado despercebido, editado pelo autor, com instantes memoráveis. Deixo o registro do grande sonetista:

À Sombra dos Meus Gatos—Para Jorge Medauar Poeta dos bichos.

*"Na convivência amiga dos meus gatos,
eu aprendi caminhos de viver,
fazendo do silêncio os meus sapatos
para pisar o mundo e não sofrer,
Sempre isolado e ignorando os fatos,*

*para esperar, alegre, o anoitecer,
fugia à sanha dos infêis e ingratos,
na sábia mansidão de me esconder
entre jardins de sonhos e esperanças,
como se eu fosse um gato iluminado
exilado no sol destas lembranças.
E agora ouvindo gatos pelo escuro,
já me sinto o luar de um sonho alado
onde o silêncio dorme o meu futuro".*



Extraído do Jornal "A Gazeta" - 19/09/96

Expediente

Informativo do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo

Editor: Marien Calixte

Comissão: Irysson da Silva, Renato Pacheco, José Hygino de Oliveira, Francisco Aurélio Ribeiro e Anésio Otto Fiedler.

Editoração e Impressão: Gráfica Fontana Ltda.

Tel.: (027) 223-6013

DIRETORIA 1996 - 1999

Presidente - Miguel Depes Tallon

1º Vice-Presidente - Léa Brígida Rocha de Alvarenga Rosa

2º Vice-Presidente - José Garajau da Silva

3º Vice-Presidente - Anibal de Athayde Lima

4º Vice-Presidente - Cristiano Woelffel Fraga

Secretário - Victor Biasutti

Tesoureiro Geral - João Bonino Moreira

Tesoureiro Adjunto - Paulo Stuck Moraes

Oradores - Aylton Rocha Bermudes, Neida Lúcia Moraes, José Paulo de Souza Filho

Relações Públicas - Windsor Calmon Fernandes

Grandes Conselheiros com status de presidente de honra - Adolpho Poli

Monjardim, Carlos Teixeira de Campos, Renato José Costa Pacheco e Ormando de Moraes.

Curadora da Casa Elmo Elton: Maria José Salles de Sá

Folclore e turismo

Renato Pacheco

A Carta do Folclore Brasileiro, aprovada pelo VIII Congresso Brasileiro de Folclore, reunido em Salvador, Bahia, em dezembro do ano passado, em



seu capítulo oitavo, reconhece que "a relação folclore e turismo é uma realidade. O turismo pode atuar como divulgador do folclore e como fonte de recursos para o crescimento da economia local, o que pode significar melhoria da qualidade de vida das camadas populares. Esta relação porém, precisa ser avaliada no sentido de resguardar os agentes da cultura popular das pressões econômicas e políticas".

Esta advertência final bate com o pensamento do maior folclorista brasileiro, Câmara Cascudo, quando dizia que "o turismo é o inimigo nº 1 do folclore".

A "expert" na área de turismo e filha do grande folclorista Hermógenes Lima Fonseca, neste mesmo espaço de A GAZETA, em 8 de fevereiro de 1995, se penitenciou quando lembra a programação "de uma apresentação do Ticumbi de Conceição da Barra na pérgula da piscina de um Hotel de Guarapari, sob os fortes refletores e os olhares inquietantes dos turistas".

Não podemos negar a importância da indústria do turismo para o crescimento nacional: indústria sem chaminés, não poluidora do ambiente, o turismo na sociedade tecnocrônica veio para ficar. Algumas cidades dependem totalmente do folclore para seu desenvolvimento turístico: Castelo (ES), Caruaru (PE), Goiás Velho (GO), Parintins (AM) Olímpia, S.P.

Também consideramos válida

a elaboração artística de temas folclóricos, cujo exemplo clássico é o **Macunaíma** de Mário Andrade, quer em sua versão original de romance, quer no cinema ou no teatro.

Mas o que devemos enfatizar é a necessidade de que permaneçam íntegras e autênticas as manifestações da cultura popular, Tão fragilizadas, hoje, e passíveis de corrupção em contato com aqueles "olhares inquietos dos turistas" de que nos fala a articulista supracitada.

Os autos, danças, músicas e festas têm um local, um tempo, um enredo. Como colocar uma festa natalina no mês de agosto, a pretexto de comemorar-se o Dia do Folclore, neste ano de 1996, palavra

"Não podemos negar a importância da indústria do turismo para o crescimento nacional"

que comemora seu sesquicentenário de existência?

O jornalista Francisco de Vasconcelos, em comunicação ao I Congresso Internacional de Folclore, Lisboa, setembro de 1991, reporta-se a um boi do Maranhão na Feira Internacional de Chicago, em 1893! O vezo é portanto, antigo. O mesmo jornalista se refere à degradação da cerâmica de Quinchameli, Chile, onde os artesãos escurecem suas peças com graxa de sapato, em vez das tradicionais folhas antes usadas. Assim também o uso de tintas a óleo nas peças de presépio do Vale do Paraíba.

Aliás é o artesanato que mais sofre com o turismo. Raul Córdula Filho lembra que indústrias de plástico sufocam os fabricantes de utensílios domésticos, com reutilização de materiais, assim como as fábricas de sandálias de borracha conflitam os famosos fabricantes manuais de sandálias de couro. A substituição, na feitura de nossas

redes de pescar, dos fios de algodão por fios de acrílico também diminui o trabalho manual de muitas fiandeiras.

Os especuladores impõem uniformidade, formas, ornatos, padrões, decoração específica, dão preferência a peças de mais saída, tudo em contraste com os ritmos próprios da cultura local.

De todo o exposto, fica a conclusão de que o folclore engloba manifestações populares que têm um tempo e um lugar. Quem quiser ver uma dada festa que vá ao lugar e ao tempo em que ela é realizada.

De resto, o folclore não se restringe só a festas e artesanato, o que é mais óbvio para a exploração do turista. Toda uma corrente subterrânea de maneiras de pensar e sentir e agir continuam, queiram ou não as culturas erudita e de massa.

É preciso, pois que aqueles que querem usar de fatos folclóricos em suas atividades turísticas o façam com muito cuidado para que não aconteça com nossas tradições o que ocorreu com o Carnaval Carioca, cujo conteúdo folclórico foi despojado, vilipendiado, transformando-se a festa numa atração turística, apenas. O mesmo se diga do Bumbódromo de Parintins, Amazonas, que leva, anualmente, cento e vinte mil pessoas, para assistirem a uma disputa de falso folk, numa cidade sem a mínima infra-estrutura para recebê-los.

Com este artigo, em meu nome e no do saudoso papa de nosso folclore, mestre Guilherme Santos Neves, penitencio-me de erros passados.

Renato Pacheco é membro honorário da Comissão Espírito-Santense de Folclore

Transcrito de "A Gazeta" de 23/08/96

Assim surgem desordenados aglomerados urbanos

Júlio de Oliveira Pinho

Parece que uma má estrela voltada para o E.S. impede que se formem vilas ou cidades bonitas e atraentes como nos países evoluídos ou até nos estados do Sul.

Não sei onde haja cidade ou vila no E.S. cujas construções obedeçam a qualquer disciplina estabelecida em código de obras.

É pena, mas... não há.

Exemplo que demonstra, com evidência, esta triste realidade está na formação da Vila da Pedra Azul, município de Domingos Martins.

Sem mistificar ou forçar dados, esta área da Pedra Azul reúne condições naturais e circunstanciais particulares que condicionam a sua privilegiada vocação turística.

Há algumas décadas por aqui não havia qualquer aglomerado urbano.

Depois que surgiram algumas residências no local onde hoje existe a referida vila, foi criada uma associação de moradores com o propósito de preservar o meio ambiente como um todo, nissó se incluindo o comportamento humano e suas ações.

Desde logo essa associação concluiu que um dos maiores desafios que precisava encarar era justamente a educação e conscientização das pessoas que aqui se vinham instalar, convencendo-as de que com modesta beleza de suas residências deveriam contribuir para a formação de uma vila simpática, cujos moradores, pela sua hospitalidade, a fariam também atraente.

Quase nada conseguiu nesse sentido esta associação de moradores-Sociedade dos Amigos de Pedreiras.

Moradores de qualquer tipo continuaram aparecendo e enfeando a Vila de Pedra Azul.

Sem condições para evitar essa indisciplina arquitetônica, a associação de moradores apelou para a Prefeitura Municipal que é o órgão competente para tratar do problema.

Manifestando boa vontade, esta Prefeitura criou, em parceria com os representantes dos distritos municipais, a COMTUR - Comissão Municipal de Turismo que deveria cuidar dos problemas relacionados com o turismo, inclusive disciplina

nas construções.

Apesar dos bons propósitos desta comissão o problema das construções desordenadas na Pedra Azul continuava.

Perante a pressão da Sociedade dos Amigos de Pedreiras, a Prefeitura se justificava pela falta de instrumentos legais necessários para disciplinar as construções nesta vila e então propôs, e foi aprovado o Código de Obras que deveria resolver o impasse na formação da Vila da Pedra Azul.

Assim mesmo continuou o resultado da luta desta Sociedade para direcionar a formação da sonhada Vila.

Ficou portanto evidente a incapacidade da associação de moradores e da própria Prefeitura perante a vontade ou particular interesse das pessoas que têm construído ou continuam construindo moradias a seu bel-prazer ou particular interesse, nesta localidade.

E assim no lugar da sonhada vila simpática e singelamente bonita que deveria fazer parte da beleza panorâmica da região da Pedra Azul, temos mais um

desarranjado aglomerado urbano como tantos outros existentes no E.S. onde na verdade ninguém se preocupa com tal problema. Pelo contrário, a grande maioria faz parte do problema.

Mas por incrível que pareça, não é a pobreza em si que justifica a instalação daqueles afavelantes barracos. Isto por que a Prefeitura oferece aos interessados, de menos recursos, modelos de casinhas simples de baixo custo de instalação. E estas ofertas raramente são aceitas pelos "tais pobres".

Neste caso prevalece o desrespeito à lei e também o descaso ou teimoso menosprezo pela criação de uma decente vila. Falta sobretudo educação e imposição das normas do Código de Obras, visto que, em contrapartida felizmente existem ali algumas casas de gente pobre que se destacam pela sua singela graça.

E de certo modo pode dizer-se que a moradia é o reflexo do comportamento de quem nela mora. Isto é talvez o mais importante.

Mas não são só as toscas casas ou barracos que destoam da paisagem local e agridem a harmonia arquitetônica da localidade. Também gente de teres e haveres está construindo naquela Vila sem a menor observância do Código de Obras: prédios so-

bre calçadas sem qualquer recuo previsto naquele código, de até 04 andares sem elevador por que na verdade serão para alugar a tanta gente que quer vir morar numa região turística. Trata-se de especulação imobiliária.

Existem todavia casas bonitas que se destacam entre a maioria e, a bem da verdade deve dizer-se que a Prefeitura, de sua parte, tem ajardinado praças e frentes da Vila, o que é digno de louvor.

Não obstante isso, de qualquer modo aqui se está construindo aceleradamente um amontoado de casas semelhante a tantos outros desregrados patrimônios do E.S., mas que neste caso irá comprometer profundamente a vocação turística da região da Pedra Azul.

E a Prefeitura responsável por esta situação, se rende a pressões político - eleitorais.

Deixar correr as coisas à lei da vontade ou interesse de cada um, seja ele pobre ou rico, é muito mais prático e cômodo do que convencer as pessoas ou ordenar as construções seguindo padrões adequados ao meio ambiente da área da Pedra Azul.

Mas ao lado de tudo isto, e numa observação mais atenta da realidade, se chega à triste conclusão que uma das grandes causas desta e de tantas outras anômalas situações é a des-

controlada natalidade. Ela está na origem dos maiores problemas sociais e ninguém tem coragem de enfrentar esse mal maior.

E aqui na Pedra Azul também se sente intensamente esse angustiante fenômeno biológico.

A demanda de mão-de-obra com razoável remuneração atrai famílias e pessoas que ao invés de irem melhorando suas condições de vida com justa remuneração do trabalho, muitas vezes mais empobrecem com a desregrada procriação que certamente leva à miséria e constrói a indigna favela.

Esta situação nos preocupa seriamente porque vai comprometer o futuro da região da Pedra Azul e, fora de meros paliativos, não há sérias medidas que controlem esse desenfreado fenômeno da natalidade fisiológica que se tornou atentório do bem comum.

É o natural resultado da atração sexual, como nos animais; só que nestes o sexo só se pratica na época do cio.

Assim por aqui também surge mais um desordenado aglomerado urbano.

Que execrável fatalismo!...

Sob o céu de tunis

Às cinco da manhã
 O muezim chama para rezar
 É quase dia
 Poucas pessoas andam na rua
 indo trabalhar.
 Sua prece longa e monocórdica
 aprendida em noites anciãs
 nos recordam o céu/inferno
 do cotidiano milenar.
 O que é a eternidade?
 e porque constroem mesquitas,
 sinagogas, templos e altares,
 parecem os homens perguntar.
 Alguém acordará para rezar ou para escrever.
 Haverá um deus para escutar
 ou um leitor para ler?
 Que é o outro?
 Quem sou e por que aqui estou
 nesta Túnis/Cartago milenar?
 por falta de respostas
 erigem os homens construções
 que se destroem à chegada do outro
 diferente de si.
 Cartago precisa ser destruída!
 Construa-se Roma.
 Bizâncio faz mais uma basílica
 com as pedras dos patrícios.
 Kairuam se ergue no deserto
 arrastando as colunas dos vencidos
 não há tempo nem escravos bastantes
 para se trabalhar as pedras.
 Retirem-nas dos templos à beira-mar
 para a grande mesquita de Omar.
 Acabaram-se os homens,
 restaram os mosaicos para mirar.
 Retiremo-las cuidadosamente,
 sem perder uma pedra,
 para expô-los no palácio do bei.
 E se ele não deixar?
 O bei já não há mais
 como o império otomano,
 romano, bizantino ou cartaginês.
 Restou o muçulmano. Permanecerá
 até o marciiano chegar.
 Ou qualquer outro
 e que nome tenha,
 em ano, ense, ês.
 Nada mais resta a conquistar.
 Tudo está por fazer.
 Agora, sigamos o muezim
 e nos ponhamos a orar.
 Não estamos sós.
 Há sempre um deus para escutar,
 e novo mundo a sonhar.

Francisco Aurélio Ribeiro

Resgate de uma biblioteca

Pedro Teixeira *

Foi uma luta de 10 anos, quando o Dr. Homero Mafra morreu e deixou doada sua biblioteca pessoal para a Biblioteca Municipal que tem o seu nome, em São José do Calçado. Na época não tinha na prefeitura ninguém que ficasse sensibilizado com a importância da doação e o valor - cultural e financeiro - daquele acervo, de um dos maiores magistrados capixabas.

Dr. Homero Junger Mafra, seu filho, em contato com o prefeito, em sua viagem de férias, reafirmou sua intenção de reconsiderar nossa falta de interesse (na época) e concretizar o velho sonho de seu pai de incorporá-la ao acervo de nossa biblioteca municipal. Depois da doação dos livros do Dr. Pedro Vieira Filho e Dona Mercês, de parte da biblioteca do Dr. Pedro Borges e tantos outros doadores, esta foi uma das mais importantes conquistas de nossa administração, na área cultural.

Essa repulsa, não sabemos se de origem política ou pessoal, foi uma mancha de mais de 10 anos em nossa fama de povo inteligente e culto, junto à intelectualidade de Vitória. Hoje, vamos longe buscar doações, não importa a quantidade nem as dificuldades. E de grão em grão, ganhando e comprando livros, chegamos aos 12 mil exemplares. A julgar pelos 270 iniciais e pouco mais de 2.000 da década de 80, a vitória foi grande e as crianças voltaram a ler. Os adultos também.

Ficam aqui nossas desculpas à memória do Dr. Homero Mafra e os agradecimentos ao Dr. Homerinho por ter reconsiderado sua opção de não destinar a biblioteca de seu pai ao acervo de nossa biblioteca municipal. Na época, em uma solenidade, eu havia sugerido 10 minutos de silêncio por tanto descaso e tão grande perda. Hoje, eu comungo com todos a reconquista de nossa cidadania cultural, que aos poucos vai tomando corpo junto à comunidade. E não vamos parar, queira Deus e São José, nosso padroeiro.

(Transcrito de A Ordem, nº 2705)

(*) Sócio do IHGES

*"Subo a ladeira comprida
 Com tal ânsia de te ver
 Que não me cansa a subida.
 — O que me cansa... é descer..."*

Athayr Cagnin

Anchieta



D. Eugênio de Araújo Sales
(Cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro)

Durante o XIII Congresso Eucarístico Nacional, no Espírito Santo, reservei algumas horas para ir de Vitória à cidade de Anchieta. A antiga aldeia indígena, que se denominava Reritiba, tomou o nome do Apóstolo do Brasil. Fui reverenciar sua memória e rezar na igreja onde celebrou a Eucaristia, no final de uma existência dedicada inteiramente à glória de Deus e ao bem do Brasil. No quarto onde morreu, ainda hoje se conserva uma relíquia do Bem-Aventurado. Esses lugares, como tantos outros — Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo... —, são testemunhas mudas, mas eloquentes, dos extraordinários feitos desse homem, um dos alicerces de nossa nacionalidade.

Esse e tantos outros missionários autênticos são uma exprobação, pelas suas vidas e obras realizadas, aos que hoje deixam de lado a missão confiada por Cristo à sua Igreja e palmilham outros caminhos. Merecem a dolorosa reprimenda de João Paulo II. Foi em Cuiabá, dirigindo-se aos índios, a 16 de outubro de 1991, na segunda viagem ao Brasil: "Não posso negar a grande dor que sinto, ao ter conhecimento de que alguns poucos, inclusive quem deveria ver neles o seu modelo, têm tentado denegri-los com uma visão distorcida, mais política e ideológica que religiosa, da História da Civilização do Brasil."

Ocupa lugar especial entre os fiéis servidores do Brasil e da Igreja o Bem-Aventurado José de Anchieta, cujo IV centenário de morte celebraremos a 9 de junho de 1997. Desde agora, a Arquidiocese do Rio de Janeiro prepara, através do Ano de Anchieta, uma condigna homenagem a quem dedicou sua vida à nossa pátria.

Impressionava-se vivamente recordar que o Nome de Jesus e sua doutrina aqui aportaram pelas mãos de missionários católicos, pela mesma Igreja que, ainda hoje, continua a obra evangelizadora. Lembros as palavras do Apóstolo Paulo, ao dirigir-se às comunidades por ele fundadas, "geradas", segundo sua expressão: "Com efeito, ainda que tivésseis dez mil pedagogos em Cristo, não teríeis muitos pais, pois fui eu quem, pelo Evangelho, vos gerei em Cristo Jesus. Exorto-vos, portanto: sede meus imitadores" (1 Cor 4, 15-16).

O zelo pela difusão da mensagem salvífica não se circunscrevia ao bem

espiritual, mas abrangia o homem todo.

Assim, em março de 1582, a esquadra espanhola, composta de doze navios e comandada por Diogo Flores Valdez, encarregado por Felipe II de guarnecer o Estreito de Magalhães e o Sul do Brasil, chegou ao Rio com grande número de doentes. O embrião da atual Santa Casa de Misericórdia lhes possibilitou ajuda. Anchieta, então Provincial, rapidamente convocou os índios da aldeia de Niterói e outros. Construiu o abrigo para socorrer os atingidos pela epidemia de varíola, escorbuto e enfermidades diversas. Com o auxílio do Colégio dos Jesuítas, atendeu-os. Era o início da assistência hospitalar no Brasil.

Causavam admiração as atividades deste homem, no campo da saúde. Valiosos seus múltiplos informes e escritos sobre assuntos médicos. É a primeira contribuição, no Brasil, à medicina.

No âmbito educacional e cultural, o Brasil de hoje tem suas raízes no trabalho pastoral dos padres da Companhia de Jesus e, entre eles, Anchieta.

São inúmeras as obras publicadas, inclusive os autos para o ensino dos índios, a poesia. A história do teatro brasileiro necessariamente começa com Anchieta.

Recentemente, recebi duas obras, agora reeditadas: *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*, que foi impressa em Coimbra por Antônio de Mariz, em 1595; e *Diálogo da Fé*. Neles, esse benemérito de nossa pátria e da causa do Evangelho lança os alicerces da língua nativa mais falada; compõe e divulga textos para os nossos cristãos crescerem na Fé e na Cultura.

A 25 de janeiro de 1554, funda o Colégio de São Paulo. O padre Nóbrega nomeia Superior o padre Manuel de Paiva, e Anchieta, ainda noviço, professor. Em 1567, com a conquista do Rio de Janeiro por Estácio de Sá, Anchieta cria o Colégio do Morro do Castelo. Como provincial do Brasil, de 1577 a 1588, ele organiza e dá impulso aos educandários de Salvador, Olinda, Rio de Janeiro, São Paulo e São Vicente. Funcionava, assim, no século da descoberta, uma rede de ensino e educação no Brasil. Esse hercúleo trabalho foi interrompido bruscamente pelo marquês de Pombal, com a expulsão dos jesuítas, em 1759. Poucos homens causaram maiores danos a um povo que Sebastião José de Carvalho e Melo. Os efeitos negativos alcançaram nossos dias.

O Rio de Janeiro tem deveres a cumprir neste ano anchietano. A fundação da cidade une, de maneira indelével, Estácio de Sá e Anchieta. Eles se vinculam à criação e também à consolidação desta metrópole, na guerra, na paz, na educação, em vicissitudes diversas. O sacrifício de Anchieta, como refém, nas praias de Iperog, obteve a vitória sobre a ameaça da Confederação dos Tamoios, em 1563, com repercussão favorável para os destinos do Rio de Janeiro.

Faleceu Anchieta, na sua cela, ainda hoje bem conservada, na aldeia de Reritiba, atual cidade que tem seu nome. Era um domingo, 9 de junho de 1597, aos 63 anos de idade. Transportado o corpo para Vitória, foi sepultado na Capela de São Tiago, no Colégio do Espírito Santo, hoje Palácio do Governo.

A 18 de janeiro de 1965, o presidente Castelo Branco, pelo Decreto 55588, instituiu o Dia de Anchieta, a ser comemorado, em todo país, a 9 de junho.

A igreja, como a pátria, necessita do exemplo de seus heróis. Eles são importantes na formação da juventude e no fortalecimento do patriotismo e da vida religiosa. Louvá-los e reverenciá-los é um dever de gratidão por quem semeou, em meio a ingentes dificuldades, a Palavra do Senhor.

Gente do Mar

*Quem for de morrer no mar
no mar terá de morrer
quem for de pasto de peixe
quer se cuide ou se desleixe
que andanças possa ter
na terra não vai ficar
— sem ter dito por não dito —
de barco vai viajar
por tempo espaço infinito
pelo sempre a velejar
pois vos afirmo convicto:
é lindo viver no mar.*

Antônio da Silva Monteiro

ASSIM É A VIDA

A Natureza e a vida têm que ser respeitadas em todas as suas manifestações, pois, se quisermos realmente lutar por um mundo melhor, para que haja Paz, saúde, tranquilidade e felicidade, não é preciso muito esforço. Basta que deixemos tudo acontecer normalmente, a própria natureza está apta a dar solução à todos os problemas que possam surgir. Pela sua inteligência, com extraordinária precisão.

O ser humano pode conviver com a Natureza, desde que coloque de lado o seu egoísmo, sua ganância e passe a ter respeito, portanto, mesmo que seus atos sejam cometidos em nome do progresso, isso não justifica qualquer agressão à inteligência. Quanto mais elevado for o grau de evolução do espírito, maior será a sua responsabilidade de dominador. Poderá ele então contribuir para a melhoria de vida em geral, passando para as pessoas mais jovens as suas experiências, influenciando diretamente nas famílias, na sociedade e até no meio evolutivo ao qual pertence a criatura.

Os seres humanos são in-

dolentes e se recusam a lutar contra a si próprios, o que propiciaria a recomposição e a reorganização da cadeia evolutiva. As criaturas que assim pensam estão subestimando, em muito, a capacidade da inteligência, como força Criadora. Somos partículas com poderes de modificar toda e qualquer situação adversa.



Para isso, basta que coloquemos em prática a nossa força de vontade, nossa determinação, nossa coragem e nosso valor, cultivando pensamentos e sentimentos elevados, e eliminando de nosso íntimo o medo e a insegurança. Os pensamentos fracos e doentios são os que nos colocam em depressão e em desvantagem em relação a objetos e situações. Depois da Juventude a Maturidade, com idéias mais concretas, e responsabilidades na organização familiar e no convívio social, o

que em muitas ocasiões, exige uma boa dose de renúncia em benefício do próximo. Pois, teremos algo que as pessoas jovens não têm: A experiência. Esta, colocada em prática, muito benefício poderia produzir, com desenvolvimento, paciência e carinho, esta se tornaria alvo de atenção e respeito.

Para ministrar todas as lições e fazer os exames de avaliação necessários, não existe na escola da vida aluno que não consiga aprender; uns demoram mais, outros menos, mas todos chegam ao final do curso. E para que isso aconteça, conta o mestre com um recurso infalível, que é sofrimento. Quem não se esforça para fazer a lição, pagará com a dor e as lágrimas.

A vida é mãe carinhosa, mas bate para ensinar. Se quisermos nos livrar de sofrimento intenso, ter um pouco de Paz, de tranquilidade e até de felicidade, será preciso que nos esforcemos muito para aprender as lições que encontramos nos caminhos da vida...

José Hygino de Oliveira
(Taneco)